

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME I*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

fez, e por todas as pro vas de amizade com que sempre tem distinguido esta Casa.

Creia que as não esqueceremos!»

O Sr. Professor Francisco Gentil, num breve improviso, agradeceu então a homenagem que lhe fora prestada e as palavras que lhe haviam sido dirigidas e explicando os motivos que o tinham levado a oferecer a colecção à Universidade de Coimbra.

Nesse mesmo dia, com a presença do Senhor Director-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes,, a Universidade entregou ao Professor Francisco Gentil o diploma de doutor *honoris causa* pela Faculdade de Medicina, durante uma cerimónia em que foi descerrado o retrato do seu antepassado, o ilustre anatomista Doutor Soares Franco.

A colecção de materiais arqueológicos da necrópole de Alcácer do Sal ficou, desde essa data, exposta nas instalações do Instituto de Arqueologia.

É-nos muito grato, nesta oportunidade, renovar ao Professor Francisco Gentil, devotado amigo da Universidade de Coimbra e do Instituto a expressão sincera do nosso mais vivo e profundo reconhecimento.

#### O ACAMPAMENTO ROMANO DE ANTANHOL E O INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

Em sessão do Conselho da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no dia 23 de Abril de 1958, foi aprovada por unanimidade uma moção que, apresentada ao Senado Universitário, na sua reunião de 3 de Maio, mereceu, também ali, aprovação por unanimidade.

O texto dessa moção era o seguinte:

«Tendo sido publicada notícia de que a Comissão Cultural do Município de Coimbra, na sua primeira reunião, resolvera por unanimidade considerar necessário o alargamento da pista do campo de aviação de Coimbra e por maioria pedir à Câmara Municipal que desse os passos indispensáveis nesse sentido, ainda que, para o conseguir, se tivesse de sacrificar o terreno oficialmente classificado como acam-

pamento romano, contíguo ao actual aeródromo, o Conselho da Faculdade de Letras de Coimbra, escola onde existe um Instituto de Arqueologia e onde se estudam as ciências e as técnicas arqueológicas, julga do seu dever chamar a atenção do Senado Universitário e das instâncias superiores para a gravidade de tais propósitos.

Segundo parecer apresentado à Junta Nacional da Educação, largamente fundamentado pelo insigne arqueólogo e saudoso professor desta Faculdade Doutor Vergílio Correia, foi o acampamento romano de Antanol classificado de Monumento Nacional, pelo decreto n.º 32.973 de 18 de Agosto de 1943. Sobre o fundamento da classificação desse monumento como notável exemplar de acampamento romano não podem hoje levantar-se dúvidas que não revelem lamentável desconhecimento de tais assuntos. Sobre o seu valor arqueológico basta lembrar que, sendo numerosos os vestígios de acampamentos militares nos territórios a que se estendeu a romanização, o campo fortificado de Antanol, pelo seu estado de conservação, deve considerar-se um exemplar raro e precioso, único em Portugal, visto que, dos outros dois já identificados, um se encontra profundamente alterado pela erosão e outro na sua maior parte destruído pela acção multissecular dos homens. O interesse científico deste monumento é ainda acrescentado pelo facto de o acampamento apresentar nítidas características morfológicas que o localizam em época anterior ao Império, quase seguramente no período das campanhas de pacificação, no século ii a.C., e com maior probabilidade durante a célebre campanha de Decimus Junius Brutus, denominado «Callaicus». Portanto, esta grandiosa obra humana que se estende por cerca de dez hectares, com suas muralhas de terra batida e seu duplo fosso, não pode considerar-se senão como um dos mais curiosos e importantes monumentos militares romanos da Península Ibérica ainda existentes e um dos mais antigos padrões das raízes latinas da nossa cultura.

Dada a importância arqueológica deste monumento, o que verdadeiramente importa não é proceder a escavações que o destruam, pois um dos seus mais notáveis aspectos está precisamente na sua estrutura, mas sim empreender trabalhos que cientificamente o valorizem, segundo técnicas de sondagem delicadas e morosas, que não se comparam com as técnicas utilitárias de uma vasta terraplanagem.

Assim, a Faculdade de Letras, consciente da sua integração no corpo universitário e, por conseguinte, dos seus deveres na defesa dos

interesses culturais de Coimbra, associa-se com entusiasmo ao desejo expresso pela Comissão Cultural do Município e pela Câmara Municipal no sentido de a cidade ser dotada de um novo e mais vasto aeródromo, mas também formula o voto de que, pela sua grandeza, essa obra seja definitiva e não apenas obra condenada a tornar-se insuficiente dentro de poucos anos, e veementemente manifesta a sua discordância com a ideia de que para tal fim seja vandalizado um dos monumentos nacionais que mais enriquecem o património arqueológico de Coimbra.»

Alguns meses mais tarde a Faculdade de Letras publicava os *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanhol*, trabalho elaborado pelos Institutos de Arqueologia e de Estudos Históricos, com a colaboração do Instituto Botânico da Faculdade de Ciências (no que respeitava ao parecer sobre a vegetação na área do acampamento), e do Instituto de Estudos Geográficos.

Julga-se que nesse trabalho estão bem patentes o alto interesse daquele Monumento Nacional e as fundadas razões que assistem a todos aqueles que se opõem a que ele seja destruído ou vandalizado.

É já muito longa, infelizmente, a lista de atropêlos que, em sucessivas épocas, têm sido cometidos contra o património arqueológico, histórico e artístico da Nação, até por pessoas ou entidades que por ele deviam zelar. Como a questão se tornou do domínio público e largamente se divulgaram as razões que aconselharam o manter-se a integridade daquele monumento, o Instituto de Arqueologia alimenta a esperança de que os defensores da opinião contrária tenham reconsiderado, mas, de qualquer forma, procurará estar atento ao problema, consciente de que assim cumpre o dever que lhe incumbe como instituição universitária, como centro de cultura, e como defensor de um património que, pela sua significação histórica e por ser nacional, cumpre a todos os portugueses cultos respeitar.

## O CASTRO DE SANTA OLAIA

O senhor professor António Vítor Guerra, director do Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», da Figueira da Foz, apresentou ao I Congresso Nacional de Arqueologia a sugestão de que se retomassem